

RAÍZES DO BRASIL: A IMAGEM DO HOMEM AOS OLHOS DE SÉRGIO BU- ARQUE DE HOLANDA

ROOTS OF BRAZIL: THE IMAGE OF MAN IN THE EYES OF SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Amanda Andrade Lopes Cantarelli¹
Ana Rachel Pires Cantarelli Santos²

Faculdade de Formação de Professores de Araripina — FAFOPA
Faculdade de Formação de Professores de Araripina — FAFOPA

Resumo: O artigo tem o objetivo de analisar o comportamento do homem na sociedade atual baseado no livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, 1936, visando identificar os impactos e as consequências do personalismo herdado, culturalmente, através dos europeus durante o processo de colonização. Para tanto, teve como fonte de pesquisa principal, o livro citado, bem como artigos, livros pautados na construção social brasileira e no processo de colonização. O estudo identifica a forte consequência derivada da predominância do personalismo e da má formação da estruturação das cadeias hierárquicas, juntamente, com sua influência na disposição das relações sociais além da maneira que o brasileiro tem de solucionar ou conciliar situações cotidianas sem adotar meios técnicos e ao apego com o desprezo às regras padrões, já que são resquícios da herança cultural deixada através da sociedade ibérica e pôr a tentativa da implantação da cultura europeia. É de fundamental importância analisar a conduta do brasileiro nas suas relações sociais e relatar que toda e qualquer ação humana é precedente da herança cultural deixada na formação e organização do povo brasileiro.

Palavras-chave: Raízes do Brasil. Sociedade Brasileira. Herança Cultural. Colonização. Construção Social.

Abstract: The article aims to analyze the behavior of man in today's society based on the book *Raízes do Brasil*, by Sérgio Buarque de Holanda, 1936, in order to identify the impacts and consequences of culturally inherited personalism through Europeans during the process of colonization. Therefore, the main research source was the cited book, as well as articles, books based on the Brazilian social construction and the colonization process. The study identifies the strong consequence derived from the predominance of personalism and the poor formation of the structuring of hierarchical chains, together with its influence on the disposition of social relations in addition to the way Brazilians have to solve or reconcile everyday situations without adopting

¹ Graduanda em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Araripina — FAFOPA.
E-mail: amandaalopes@aeda.aluno.edu.br

² Mestre em Educação, pela Lusófona PT, UFRJ. Professora da Autarquia Educacional do Araripe — AEDA. E-mail: rachel.cantarelli@gmail.com.



technical means and attachment with contempt for the standard rules as they are remnants of the cultural heritage left by the Iberian society and put the attempt of the implantation of the European culture. It is of fundamental importance to analyze the behavior of Brazilians in their social relations and report that each and every human action precedes the cultural heritage left behind in the formation and organization of the Brazilian people.

Keywords: Roots of Brazil. Brazilian society. Cultural Heritage. Colonization. Social Construction.

1 INTRODUÇÃO

Ao fazer uma análise da sociedade, busca-se descobrir as causas e justificativas das ações humanas no dia a dia, motivos para hábitos associados ao forte apego ao mais fácil e ao mais rápido. Comenta-se com muita frequência sobre o famoso “jeitinho brasileiro” de solucionar ou agilizar situações cotidianas e como tais escolhas sustentam-se entre o certo e o errado. Em face a essa realidade é possível perceber que estas atitudes estão enraizadas na história da formação da sociedade brasileira e, entende-se, que cada ação cometida se baseia em comportamentos provenientes dos primórdios da formação da sociedade brasileira. Em meados de 1530, com a colonização já estabelecida no Brasil, sua marca já havia sido propagada, deixando cicatrizes na atualidade como o anseio por uma vida regada de riquezas fáceis, preconceito social e racial, desejo de alcançar prestígio e dinheiro sem esforço.

Em virtude do que foi mencionado, o presente artigo utiliza como fonte referencial o livro de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, e averigua a correlação entre os pontos abordados pelo autor e os costumes do cidadão brasileiro na sociedade atual. Diante do exposto, a pesquisa procura mostrar como o brasileiro utiliza a sua cordialidade como camuflagem para atingir os objetivos necessários diante de uma situação que beneficiaria a si próprio, evidenciando que a cordialidade existe e é muito presente em nossas relações, porém se é utilizada para mascarar e burlar regras sociais cotidianas.

2 CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA



A formação do povo brasileiro consagrou-se através da miscigenação cultural dos povos ibéricos, indígenas e africanos. Inicialmente, esse encontro ocorreu a partir do primeiro contato entre os indígenas que já habitavam Pindorama (nome dado à terra brasileira, atribuída por algumas tribos indígenas) e os colonizadores. Em consequência disso, constata-se que os povos ibéricos tinham objetivos traçados após sua chegada ao Brasil tais como explorar o máximo das novas riquezas ali encontradas, conquistar, civilizar e dominar os indígenas da região de modo a monopolizar e centralizar o poder na nova terra.

Considerando o expressivo número de indígenas e a fonte inesgotável de novas riquezas a serem exploradas, os portugueses que continham o maior conhecimento econômico e social voltaram-se para uma incansável tentativa de escravizá-los para obter total domínio sobre os mesmos uma vez que os portugueses não eram admiradores do trabalho braçal e de grandes esforços o que aumentava ainda mais a vontade de obter o controle total.

Durante os anos iniciais da colonização, os oficiais da Coroa Portuguesa e, até mesmo os integrantes do Clero, gozaram de todo o seu poder para ter total apropriação das terras, bem como submeteram também inúmeras mulheres indígenas a diferentes formas de abuso sexual, causando um expressivo número de gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis o que acarretou um dano irreversível na sociedade e na maneira como as mulheres são vistas e tratadas por homens até os dias atuais. Esse movimento histórico gerou uma identidade específica cujas raízes estiveram presentes na sua evolução e foram por Sérgio Buarque, em simultâneo, determinadas como as raízes do Brasil. Fica a pergunta:

Por que raízes? Buarque utiliza uma metáfora orgânica: se há raízes, há solo, plantas, árvores, frutos. Tudo o que frutificou aqui e o verbo é utilizado inúmeras vezes, ao longo do livro alimentou-se dessa seiva primeira, o impulso trazido pelo colonizador (VELOSO; MADEIRA, 1999, p. 166).



A busca dessas raízes implica a busca da identidade nacional, a procura de uma chave para sua decifração. Com a incessante busca por novas formas de exploração, os portugueses perceberam grande potencial na exploração da cana-de-açúcar e, então, iniciaram o cultivo da cana-de-açúcar no atual Nordeste uma vez que se era necessário riquezas que não custasse caro e que pudessem ser cultivadas em grande escala para o exterior, resultando em uma necessidade de mão de obra barata e resistente. Com isso, o tráfico negreiro tornou-se uma grande fonte de escravidão e exploração, juntamente, com o cultivo da cana-de-açúcar.

Cabem aqui algumas palavras sobre o papel que o tráfico de africanos acarretou no desenrolar da produção açucareira brasileira. A mão de obra empregada na montagem dos engenhos de açúcar no Brasil, inicialmente, era predominantemente indígena. Uma parte dos índios trabalhava sob regime de assalariamento em péssimas condições, mas, praticamente, a maioria era submetida à escravidão.

Após 1560, com a chegada de várias epidemias no litoral brasileiro, os escravos índios passaram a morrer em proporções gigantescas, o que demandava a reposição constante de escravos no trabalho nos engenhos. Na década seguinte, respondendo à pressão dos jesuítas, a Coroa portuguesa divulgou leis que coíbiam de forma parcial a escravização de índios. Logo:

A mais terrível de nossas heranças é esta: de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, sevicar e machucar os pobres que lhes caem às mãos. Ela, porém, provocando crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os possessos e criar aqui uma sociedade solidária (RIBEIRO, 1995, p. 120).

Ao mesmo tempo, os portugueses já lapidavam o funcionamento do tráfico negreiro transatlântico, sobretudo, após a conquista definitiva de Angola



em fins do século XVI. O sucesso da produção escravista de açúcar da América portuguesa logo atraiu a atenção dos demais poderes coloniais europeus. Pode-se afirmar que em decorrência da grande escala de negros no Brasil, a exploração humana e os abusos sexuais já se faziam presentes, trazendo danos permanentes para a sociedade.

3 PLASTICIDADE SOCIAL

Por meio do desejo primordial de inserir a cana-de-açúcar e exportá-la cada vez mais à necessidade de mão de obra barata e forte para tal atividade. Com isso, uma grande leva de africanos foi trazida para o Brasil como escravos. A primeira raça miscigenada do Brasil foram os filhos dos índios com os portugueses que, após à chegada dos africanos, se deu a segunda leva de miscigenação como os filhos de negros com os portugueses. Essa junção exterminou, parcialmente, o sentimento de distância entre os senhores de engenho e a massa trabalhadora como a separação de raças ainda era, fortemente, vivenciada onde a miscigenação trouxe à tona preconceito e desprezo em relação aos mestiços. Após longos e dolorosos anos de sofrimento e escravidão dos africanos, o processo de abolição iniciou-se com a consequência de inúmeras mobilizações e revoltas feitas por escravos e simpatizantes político-sociais.

A abolição aconteceu. O marco negativo influenciado pelo preconceito pré-existente dos portugueses ainda persiste, e a cor negra perdura como um intenso limite social, atingindo não somente os negros, mas também os mestiços e tudo o que era remetido aos negros como, por exemplo, o trabalho braçal, o modo de falar e de se vestir. A cor negra ainda sofre rejeições, expressões são utilizadas negativamente como forma de ofensa, referindo-se a alguém pelos termos: "escurinho, carvão, cabelo de bombril ou torrado do sol" por serem fontes de ofensas mencionadas diariamente. Adotando os métodos do cientifi-



cismo europeu, o pensamento social brasileiro do século XIX reduzia, em grande medida, as noções de raça e identidade a fatores de cunho biológico.

Os pensadores e herdeiros dessa tradição tiveram que lidar, constantemente, com a ideia de que o progresso de uma nação teria, de uma forma ou de outra, seguir o padrão europeu de raça pura e civilizada. Como discorre Freyre (2006), existe aversão ao trabalho braçal como pedreiro ou, até mesmo marceneiro, já que o trabalho intelectual é bem-visto e passa a imagem de estabilidade para a sociedade, pois: “o país viveu por 388 anos um sistema econômico, político e social baseado na mão de obra escrava, e são apenas 130 anos desde a abolição da escravatura. É preciso dissociar o negro do trabalho braçal e começar a associá-lo ao trabalho intelectual” (ROCHA, 2018, p. 8–10).

A convivência entre brancos e negros, senhores e escravos, é detalhada no capítulo três do livro por meio da discussão do patriarcado rural. As propriedades rurais são detalhadas como um sistema selado no qual fazendeiros dispõem de um poder decisivo ilimitado. Nas grandes fronteiras de um latifúndio, reinava de fato e, muitas vezes, de jure apenas à vontade do senhor rural que decidia sobre a vida de seus familiares, seus escravos e, eventualmente, sobre a vida dos trabalhadores livres que viviam na fazenda.

Sérgio Buarque de Holanda mostra que o patriarcado rural marcou o período colonial no Brasil como nenhuma outra instituição social havia marcado, e foi levado ao Nordeste brasileiro durante os séculos XVI e XVII nos engenhos de cana-de-açúcar. Quando *Raízes do Brasil* foi publicado, a morfologia e as estruturas do patriarcado rural no Nordeste já haviam sido analisadas e descritas em detalhe por Freyre. Como o próprio Holanda constata, Gilberto Freyre optou por uma perspectiva voltada para o passado, o que serve, em suma, para conciliar entre si as mais ásperas contradições e rotular, de maneira harmônica, a situação precária e vergonhosa nos engenhos.

Em *Raízes do Brasil*, no entanto, o patriarcado rural é analisado a partir de uma perspectiva muito mais crítica ao poder, segundo a qual este patriarcado



não representaria apenas um fenômeno rural como também um padrão contínuo de exercício do poder. Afinal, a hegemonia do patriarcado rural debilita fortemente o desenvolvimento de uma burguesia urbana já existente com sua cultura política liberal. Como sistema abrangente de poder, o patriarcado forma o ambiente no qual se desenvolve o homem cordial que quer ser chamado pelo primeiro nome de preferência, por um diminutivo com “nhô”, “nhá” ou “inho” e não quer ser tratado como apenas mais um entre milhões de cidadãos.

Tal movimento se debruçou na tentativa de definir o papel das artes e da literatura ao oferecer outros quadros para se pensar a construção da nação, um ideal que já vinha se desenvolvendo em nossa dinâmica social desde o Romantismo no século XIX. Gilberto Freyre destacou-se pelo viés ensaístico da sua obra. O autor utilizava de uma linguagem mais literária que científica na estrutura, embora não no léxico, e que é nele um instrumento de interpretação pela riqueza das imagens, a sugestão dos longos períodos em que dá vida e graça ao esqueleto da erudição e da análise, substituindo o conceito de raça em prol do de cultura e negar as ideias que diziam que a miscigenação era degenerativa.

A miscigenação deixava de ser vista como negatividade e passava a ser encarada como positividade, permitindo completar os contornos de uma identidade que há muito tempo vinha sendo desenvolvida. Assim, a concepção de que a miscigenação era patológica começava a enfraquecer, pois, é ela que caracterizaria o aspecto central da formação social brasileira. A raça passou a ser estudada de um ponto de vista cultural e encarada como uma invenção estrangeira ou mesmo sinal de racismo inexistente para o povo brasileiro. Entretanto, no Brasil essa visão culturalista também passou a negar ou abrandar as consequências violentas resultantes do processo de miscigenação, afirmando ser a formadora de uma civilização estável e de certa forma harmônica.



Nos últimos anos, conforme diz Guimarães, tornou-se necessário teorizar as raças como o que elas são, isto é, pelas construções sociais e formas de identidade baseadas em uma concepção biológica errônea, porém, socialmente, eficiente. Se as raças não são um fato do mundo físico, logo, elas são, entretanto, plenamente, existentes no mundo social como maneiras de classificar e de identificar as ações que orientam os seres humanos.

A inexistência biológica das raças passou a servir como um discurso ideológico de negação do racismo o que acabou contrariando os valores e interesses do povo negro brasileiro que ressuscitou o conceito de raça como uma forma de resistência e de denúncia ao racismo estruturante já existente. Juntamente a uma ideologia nacional, que negava a existência do racismo e da discriminação racial, acabou por se tornar insuportável para todos e insustentável pelos fatos, pois, ainda hoje, convivemos com uma equivocada concepção de harmonia racial e de integração pacífica e harmônica entre as diferentes classes sociais.

Naturalizada pela vaga ideia de uma identidade nacional indivisa, que oculta os interesses e as relações de poder dos setores dominantes e privilegiados, a problemática racial brasileira segue lidando com novos dilemas e situações. Portanto, com a premissa de que as noções de raça e miscigenação devem ser estudadas com cuidado e rigor, entende-se que deve ser evitado, por assim dizer, das suas consequências que possam contribuir para a formação de outras desigualdades.

4 JEITINHO BRASILEIRO: HERANÇA DA COLONIZAÇÃO

De acordo com a visão de Sérgio Buarque de Holanda, o povo ibérico difere dos demais por carregarem consigo a cultura do personalismo que consiste em um forte apego à valorização do homem que não depende de outro homem. Para Buarque, o ibérico também não era amante do trabalho que, para



eles, a vida ideal era aquela sem esforço. O início da sociedade brasileira foi marcado, inicialmente, pela cobiça do mais fácil, estabilidade e meios de vida definitivos que requerem o mínimo de esforço pessoal, ocorrendo até os dias atuais como, por exemplo, no desejo de alcançar prestígio assumindo cargos públicos já que:

Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. Para eles o índice do valor de um homem infere-se, antes de tudo, da extensão em que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, em que se baste. Cada qual é filho de si mesmo, de seu esforço próprio, de suas virtudes... (HOLANDA, 1936, p. 33).

Em *Raízes do Brasil*, o autor deixa explícito as divergências entre o trabalhador e o aventureiro, visando caracterizar tais personalidades onde o trabalhador e o aventureiro são de perfis opostos uma vez que o aventureiro procura experiências novas, contenta-se com o provisório e prefere a exploração à consolidação enquanto o trabalhador preza por segurança e esforço, aceitando recompensas a longo prazo. De acordo com Holanda (1933, p. 44):

Entre esses dois tipos, não há em verdade, tanto uma oposição absoluta como uma incompreensão radical. Ambos participam em maior ou menor grau, de múltiplas combinações, e é claro que nem o aventureiro, nem o trabalhador, possuem existência real fora do mundo das ideias.

O que implica em uma forte presença de ambas personalidades no brasileiro atual, ao analisar o comportamento da sociedade contemporânea, é o estilo aventureiro responsável por muitas de nossas fragilidades. O anseio por uma vida bem sucedida e sem a presença do trabalho são características fiéis ao aventureiro e também brasileiro contemporâneo. Como fala Holanda (1936, p. 60) ao dizer que “todos querem extrair do solo excessivos benefícios, sem grandes sacrifícios”. Pode-se mencionar a similitude entre o modelo de homem cor-



dial e o cidadão atual onde o primeiro detém características próprias do brasileiro, guiando as suas relações para o campo afetivo. Tal traço confirmaria o que Buarque, na perspectiva de Max Weber, chamou de ética da aventura, à qual contrapõe a ética do trabalho. Para ele, a colonização do Brasil teve como elemento orquestrador a aventura movida pelas sugestões da natureza e da conjuntura internacional sem que tentassem, diretamente, modificá-las.

Os portugueses construíram um cenário, basicamente, rural, de propriedades, relativamente, autárquicas governadas de forma imperial por seus proprietários. Segundo ainda o autor, a principal destas implicações foi o do domínio do proprietário baseado em laços afetivos e emocionais privados e à dimensão pública da vida. Sendo assim, o domínio público conformou-se à imagem e à semelhança do modelo da família patriarcal que lhe fornecia, de um lado, a imagem do poder e da autoridade e, de outro, a obediência e coesão social. A partir da segunda metade do século XIX, ainda que se assistisse no Brasil a crescente urbanização e expansão das tarefas administrativas do Estado, o perfil das novas classes urbanas permaneceu influenciado pelo patriarcado rural, e a própria expansão das funções do Estado seguiu a lógica particularista e clientelista imposta a partir do mundo rural.

O patriarcado rural estabeleceu um tipo de domínio que transpunha para o mundo público, padrões de relacionamento tipicamente privados baseados em laços afetivos e relações pessoais e avessos a qualquer tipo de abstração por meio de normas racionais e impessoais. Assim, a síntese da herança colonial e o do domínio do patriarcado rural são denominadas pela cordialidade em que esta última se opõe a civilidade que tem como base uma noção tradicional e procedural da vida baseada em mandamentos e sentenças impessoais.

A polidez, como uma camada epidérmica, um disfarce, protegeria o homem, suas emoções e a sensibilidade ante as exigências sociais, mantendo-o puro diante da sociedade que, com a cordialidade, dar-se-ia o oposto. De fato, ela denota uma certa aptidão para o social. Com maestria, Holanda causa refle-



xão entre o papel do Estado e da família, conjuntura do público e do privado, acarretando o conhecido “jeitinho brasileiro”, definindo-o como,

uma forma “especial” de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade. Portanto, para que uma determinada situação seja considerada jeito, necessita-se de um acontecimento imprevisto e adverso aos objetivos do indivíduo. Para resolvê-la, é necessária uma maneira especial, isto é, eficiente e rápida, para tratar do problema (BARBOSA, 1992, p. 78).

Entretanto, o homem cordial não totaliza bondade e aversão a polidez e sim o domínio de conciliar as aparências afetivas, utilizando, meramente, quando houver necessidade própria e maior. Ele, de acordo com Sérgio Buarque de Holanda, precisa elevar o seu ser na vida social, precisa expandir-se na coletividade, ou seja, não suporta o peso da individualidade, precisa do outro para viver. Essa necessidade de posse afetiva do outro pode ser notada, por exemplo, até em expressões linguísticas a partir do sufixo “inho”, colocado em palavras como amorzinho (amor) que evidencia a vontade de aproximar o que está distante do nível do afeto.

O homem cordial é um artifício, uma artimanha psicológica e uma máscara comportamental que está enraizado em nossa formação enquanto cidadão. É, por isso, que o autor diz que “a contribuição brasileira para a civilização será o homem cordial, pois na visão de Souza (2015, p. 42-43), “esse mito nacional” possibilita que o brasileiro, ainda que ambigualmente, se orgulhe do Brasil, o que antes era impossível. Seu objetivo é, portanto, “pragmático”: a produção da solidariedade nacional”.

Ao escrever sobre isso, Holanda em *Raízes do Brasil* apresenta o conceito de homem cordial. Sobre patrimonialismo, leitura imprescindível para o total entendimento do que é o homem cordial, a forma de administração trazida pelos portugueses para o Brasil é a mesma que dominava na metrópole. Esta existe onde há troca de sentimentos mais do que relações de interesse, no ambien-



te doméstico ou entre amigos. É visto que essa importância dos sentimentos nas relações é uma das características principais do homem cordial que, futuramente em nossa história, teremos outros momentos de exploração, como, por exemplo, no coronelismo, período em que os coronéis garantiam proteção para as pessoas em troca de voto para determinado candidato. Essa prática ficou conhecida como voto de cabresto.

Percebe-se que essas relações foram destacadas pelo fator da cordialidade mesmo que em momentos de tensão. Outro fato é o presente, a proteção e o afeto dados por aqueles que exploravam, como escreveu Antônio Candido no prefácio do livro de Sérgio Buarque ao dizer que o brasileiro recebeu o peso das relações de simpatia. Assim surgiu o homem cordial. Por isso, somos vistos como pessoas hospitaleiras e receptivas onde nossas relações pessoais e intimistas se confundem com as relações públicas. Geralmente, trata-se o que é público como uma extensão de nossa casa, de nossa família e consegue-se escapar das formalidades e burocracias já existentes. Para Holanda, essa característica do homem cordial traz uma dificuldade em lidar com situações formais e rígidas.

O processo lento de transformação e desenvolvimento é o tema inicial do capítulo final de Raízes. A grande revolução brasileira foi um processo que ultrapassou o século XIX e que se mostra na transição do mundo rural para o mundo das cidades, uma transformação social de grandes proporções na visão de Holanda (1936, p. 137-140). Mas, como no Brasil o "iberismo e agrarismo confundem-se, essa transição significa também o aniquilamento das raízes ibéricas de nossa cultura"³. Esse aniquilamento não se consumou ainda, e não é claro como se resolverá.

O novo sistema, o estilo novo, "o advento de um novo estado de coisas, embora inevitáveis"⁴ não apresentam seus contornos definidos exceto no que diz respeito ao movimento mais amplo de predomínio das cidades, sendo as-

³ Idem.

⁴ Ibidem.



sim, de deslocamento do centro cultural, político, econômico e social para a cidade. Pode-se compreender esse contorno no âmbito da transformação na estrutura da sociedade, para a qual “a correspondente transformação na estruturação da personalidade permanece indefinida e até mesmo faltante, haja visto que o americano ainda é interiormente inexistente”⁵. Este é o nó do problema, o da disfunção na qual um domínio se transforma em ritmo diferente do outro, criando um descompasso preñado de consequências. Uma de suas feições é que a forma de nossa cultura permanece nitidamente ibérica e lusitana no mesmo momento em que se afirma o aniquilamento progressivo de nossas raízes ibéricas. Evidenciando, assim, a habilidade do brasileiro de determinar como e quando a afetividade e a amabilidade poderão ser utilizadas ao seu favor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se comenta sobre a história, a construção da vida brasileira e sobre tudo o que as cercam. Sabe-se que é marcada por uma série de fatos históricos, porém pouco se comentou a respeito do que realmente ocorreu. Desde os primórdios, a sociedade brasileira enfrentava grandes batalhas contra inimigos muito bem vestidos, de conversa suave e sorriso no rosto.

Os povos ibéricos foram os responsáveis pelo início da colonização brasileira, chegando no Brasil em meados de 1500, com objetivos já bem definidos e traçados, o de explorar as terras e conquistar os índios que habitavam a região. Com o avanço da invasão territorial, as consequências já estavam sendo instauradas para a sociedade, e uma delas foi a quantidade em massa de abusos sexuais cometidos pelos portugueses com as mulheres indígenas, gerando duas grandes cicatrizes que sangram até os dias atuais como a desvalorização da figura feminina para a sociedade e a propagação das doenças sexualmente transmissíveis.

⁵ Ibidem.



Diante do crescente número de abusos sexuais com as mulheres indígenas, iniciou-se a nova geração dos mestiços, filhos de índios com os portugueses sem reconhecimento paternal, o que acarretou na mistura de raças e culturas no país, dando origem a miscigenação. Tais ações humanas resultaram uma expressiva leva de miscigenados no território, causando uma diversificação na cultura do local. Com a necessidade constante de exploração, o português viu-se diante da grande oportunidade do cultivo da cana-de-açúcar, porém, para essa atividade, os indígenas não se adaptaram uma vez que era preciso mão de obra barata e forte, levando-se ao tráfico negreiro. Uma grande leva de africanos foi trazida para o Brasil de modo a tornarem-se escravos e trabalharem no cultivo da cana-de-açúcar e, com isso, produzir em grande escala e importar para o exterior.

O tráfico negreiro passou a ser um grande potencial no comércio através da compra e venda de escravos, juntamente, com a importação da cana-de-açúcar. Após a chegada dos africanos, conseqüentemente, diversas formas de abusos sexuais ocorreram também com as mulheres africanas, dando início a segunda onda de miscigenação no Brasil, filhos de africanos com os portugueses, o que gerou outra devastadora consequência para a sociedade atual como o preconceito de raças.

Como os mestiços não eram filhos reconhecidos, paternalmente e com aparência diferente dos portugueses, causou-se o grande preconceito entre eles. Tal preconceito até hoje atravessa a história da sociedade onde a cor negra ainda é sinônimo de ofensa ou motivo para piadas. Expressões como “escuriinho, cabelo de bombril e torrado do sol” são utilizados para constranger ou definir o negro e o mulato considerado mais uma consequência negativa da colonização brasileira. Para Sérgio Buarque de Holanda, o português não era amante do trabalho braçal, o que deixa um traço ancestral no comportamento do homem contemporâneo como o apreço por uma vida fácil e regada de prestígio social.



Conforme o exposto, conclui-se que o famigerado “jeitinho brasileiro” cordial de ser, nada mais é que uma herança cultural deixada pelos portugueses no processo de colonização. A aversão ao trabalho braçal e apego aos meios de conquistas fáceis são características fiéis dos portugueses e dos brasileiros. Um claro exemplo é a vontade de meios de vida definitivos como a administração de cargos públicos que passam à imagem de vida estável e a grande repulsa por trabalhos braçais como à função de pedreiro. Houve certa imposição de valores que não estavam adequados ao modo de funcionamento do brasileiro.

Dessa forma, ao longo de nosso desenvolvimento, foram encontradas formas criativas e indiretas de mascarar as leis que nos impediam de alcançar algum objetivo, o que hoje não é diferente. O “jeitinho brasileiro” é, sem dúvida, uma característica fortemente presente no brasileiro. Exibe toda a sua flexibilidade e sua criatividade, o famoso gingado do brasileiro. Isso pode trazer coisas boas e novidades para o nosso cotidiano, mas é preciso estar atento porque, no momento em que se utiliza de forma beneficiária em detrimento dos outros, estaremos sustentando a visão negativa de malandragem, e, sendo assim, de pessoas corruptas.

Desse modo, é necessário questionar-se sobre qual é o nosso papel como indivíduos em uma sociedade. Então, devemos nos conscientizar sobre nossas atitudes, ter uma conduta ética em nosso dia a dia e ter a participação ativa para que possamos construir com muita criatividade e inovação um futuro mais honesto para nossa sociedade. O Brasil é um coração, e o brasileiro é antes o resultado de três raças condicionado pelo meio físico, cordial, pacífico, tolerante, altruísta, apegado ao passado europeu, português e religioso, mas sem profundidade, emotivo, utilizando mais o coração do que a razão; é resignado, imitador e admirador de estrangeiro, mestiço, afetivo, amante de vaidades, hospitaleiro, boa-vida, malandro e conciliador, tratando-se de ser homem cordial, termo criado pelo escritor Ribeiro Couto e valorizado pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda o qual não é, necessariamente, cortês, afável e cotado.



A inimidade bem pode ser tão cordial como a amizade visto que uma e outra nascem do mesmo coração, procedem, assim da esfera do íntimo, do familiar, do particular, mas, absolutamente, pulsional, movido pelos seus impulsos elementares e contraditórios do coração, a simpatia e antipatia, o amor e o ódio, a receptividade e a rejeição. Tendo em conta o significado original da palavra cordial cujo étimo latino vem de *cordialis* com o significado de coração, não será difícil definir que o homem cordial provém do homem de coração que baseia a sua ação no *cuore* (termo italiano), ou seja, basicamente que toma iniciativa e age de acordo com o coração em lugar da cabeça. Neste caso, é quase um corolário encontrar-se no homem cordial o êxito do impulso sobre o raciocínio, da sensibilidade sobre a racionalidade, do aditivo sobre o pensativo e da emoção sobre o juízo e, também, não é seguro chegar sem fundamentos históricos à conclusão que rotula todos os brasileiros porque estes têm a cordialidade como o seu carácter nacional.

Por fim, a cordialidade, mencionada por Sérgio Buarque de Holanda, esclarece o quão calculista é o brasileiro, utilizando-se de tais ferramentas como simpatia e bondade nas horas necessárias para conquistar, facilmente, algo. Uma clássica situação de bom convencimento do brasileiro é a tentativa de burlar as regras de algum estabelecimento ou então a investida em furar filas, usando argumentos da vida pessoal como tentativa de convencimento, deixando-nos claro a preferência por conquistas fáceis e recompensas imediatas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

AVELINO FILHO, George. As raízes de Raízes do Brasil. **Novos Estudos**, São Paulo: CEBRAP, p. 18; 33-41, s/d.



BERABA, Ana Luiza. **América Aracnídea**: teias culturais interamericanas. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2008.

CHAVES, Hernani. **Raízes do Brasil e Nietzsche**. São Paulo: Cult, 37, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

FROTA, Luís André Aragão. A influência dos patriarcalismo, personalismo e do jeitinho na gestão dos empreendimentos econômicos solidários. **Revista Diálogo**. Rio Grande do Sul: UnilaSalle Editora, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Raça e os estudos das relações raciais no Brasil. **Novos Estudos** CEBRAP, nº 54, p. 147-156, julho, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil** (1936). 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

IANNI, Octavio. O preconceito racial no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, vol.18, n. 50, p. 6-20, jan./abr. 2004.

MORAES, Wallace dos Santos de. **Formação da Sociedade Brasileira**: um debate. 2014.

PRADO JR., C. **Formação do Brasil contemporâneo** 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.

SOUZA, Jessé. **A Tolice da Inteligência Brasileira**: como um país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.

VALENTE, J. **A certidão de nascimento do Brasil**: a carta de Pero Vaz de Caminha. São Paulo: Edição do Fundo de Pesquisas do Museu da USP, 1975.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. **Leituras Brasileiras: Itinerários no Pensamento Social e na Literatura**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VIEIRA, C. A., COSTA, F. L. da, & BARBOSA, L. O. O jeitinho brasileiro como um recurso de poder. **Revista De Administração Pública**, 16(2), 5 a 31. Disponível: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/11440>. Acesso em: 27 ago. 2021.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.